



INTERNATIONAL SEMINAR

From silence to shame. Collective memories of past violence and intergroup reconciliation's processes.

Giovanna Leone, Sapienza Università di Roma

A relevant body of research explored how collective memories are used by leaders of violent groups in order to fuel intergroup hate and to build up historical reasons for mistrust towards victims. Less research has been devoted instead to observe how, after a conflict settlement, collective memories change accordingly with reconciliation processes. Moreover, when intergroup violence lasted for a long time and implied huge societal efforts, collective memories used to glorify the ingroup and to dehumanize the outgroup are bound to go down the generations for many years after the political settlement of the conflict. To discuss the complex processes gradually marginalizing, from a generation to the next one, collective memories functional to perpetuate the intergroup animosity, a brief description will be discussed of current changes of memories of Italian colonial invasions. Among the last European colonial wars, this intergroup violence created a fragile Empire that lasted shortly. In fact, it collapsed after a few years, together with the implosion of Fascist regime. Moreover, the African victims of this military aggression were weak and socially isolated. This specific situation allowed the Italian societal discourse about national past first to deny and then to self-censor past in-group violence towards African victims. However, in the last years this silence starts to be broken. Empirical research on the role of material intermediations reminding colonial times to Italian citizens of different generations will be presented, as an example of how multiple cues may trigger collective memories of the past also when master narratives silenced it for a long time.

Do silêncio à vergonha. Memórias coletivas do passado violento e processos de reconciliação intergruppal

Giovanna Leone, Sapienza Università di Roma

Vários estudos exploram a forma como as memórias coletivas são utilizadas pelos líderes de grupos violentos a fim de alimentar o ódio intergruppal e de construir razões históricas de desconfiança em relação às vítimas. No entanto, menos investigação tem sido dedicada a observar como, após a resolução de um conflito, as memórias coletivas mudam em conformidade com os processos de reconciliação. Além disso, quando a violência intergruppal dura muito tempo e implica enormes esforços societais, as memórias coletivas usadas para glorificar e desumanizar o grupo atravessam gerações, persistindo durante muitos anos após a resolução política do conflito. Para discutir os complexos processos que gradualmente marginalizam as memórias coletivas funcionais para perpetuar a animosidade intergruppal de geração para geração, será apresentada nesta comunicação uma breve descrição das mudanças que se observam atualmente em relação às memórias sobre as invasões coloniais italianas. Entre as últimas guerras coloniais

européias, esta violência intergrupar criou um império frágil que durou pouco tempo. De facto, desmoronou-se após alguns anos, juntamente com a implosão do regime fascista. Além do mais, as vítimas africanas desta agressão militar foram enfraquecidas e socialmente isoladas. Esta situação específica permitiu ao discurso social italiano sobre o passado nacional primeiro negar e depois autocensurar a violência intergrupar no passado contra as vítimas africanas. No entanto, nos últimos anos, este silêncio começa a ser quebrado. Será apresentada uma investigação empírica sobre o papel das intermediações materiais que lembram os tempos coloniais aos cidadãos italianos de diferentes gerações, como exemplo de como múltiplas pistas podem desencadear memórias coletivas do passado, quando as narrativas mestras o silenciaram durante muito tempo.

BIO

Giovanna Leone is full professor at the Department of Communication and Social Research (CORIS) of Sapienza University of Rome, Italy. She is an expert on collective memory, intergroup emotions, and reconciliation processes and multimodal communication. She conducted experimental work on breaking down intergenerational silences, taking as case study the current narratives on Italian colonial crimes, and about intergroup helping behaviours. She wrote or co-wrote more than 140 scientific articles and book chapters on these topics. Member 2 of the Board of the Italian Journal of Community Psychology (Giornale Italiano di Psicologia di comunità). Associate Editor of the Journal of Social and Political Psychology. Italian member of the MC of COST European action IS1205 "Social psychological dynamics of historical representations in the enlarged European Union". Coordinator of the Ethics Committee that, on behalf of the AIP (Italian Psychology Association), revised the Code of Ethics currently used by the association.

CV: <https://corsidilaurea.uniroma1.it/it/users/giovannaleoneuniroma1it>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8398-568X>

Collective Remembering and Future-Making: Crisis, Manufacturing Crises, and the Role of the Identity Entrepreneur

James H. Liu, Massey University

Collective memory has become more and more useful as a concept that bridges the gap between the individual and the collective, and between psychology and sociology as social sciences, and the arts and humanities. In this lecture, I take an interdisciplinary perspective on collective memory, examining it from three angles: using social identity theory and social representations theory from psychology, comparative case studies from history, and the concept of travelling memory from the humanities, where the events of history are transformed into arts and culture.

I focus on the events leading up to the most important event in world history from a lay perspective, World War II. The Great Depression provided extreme challenges to Western societies in the 1930s, causing many of their democracies to fail. The most famous among these was Germany. Collective memory is used as a symbolic resource to construct an ingroup with an agenda by political leaders. When it contains emotion-triggering events, these can be used to

mobilize identity and to create visions that may serve as self-fulfilling prophecies. Sometimes these prophecies succeed, and sometimes they fail. As history proceeds, it creates stories that become immortalized by artists and writers, to ensure that history does not simply repeat itself, but forms a trajectory, a storyline that travels from people to people to signify the meanings that we share as denizens of an age. Hitler is today remembered as the most evil man in world history, but the role of the USA in WWII is already being over-written by the collective memory of 9-11, about which very different stories with different implications are being told.

Memórias coletivas e construção do futuro: crise, fabricação de crises e o papel do empreendedorismo identitário

James H. Liu, Universidade de Massey

A memória coletiva tornou-se cada vez mais útil como conceito que faz a ponte entre o indivíduo e o coletivo, entre a psicologia e a sociologia como ciências sociais, e as artes e humanidades. Nesta comunicação, tomo uma perspectiva interdisciplinar da memória coletiva, examinando-a de três ângulos: utilizando a teoria da identidade social e a teoria das representações sociais da psicologia, estudos de casos comparativos da história, e o conceito de memória itinerante das humanidades, onde os acontecimentos da história são transformados em artes e cultura.

Concentro-me nos acontecimentos que conduzem ao acontecimento mais importante da história mundial numa perspectiva leiga, a Segunda Guerra Mundial. A Grande Depressão proporcionou desafios extremos às sociedades ocidentais na década de 1930, causando o fracasso de muitas das suas democracias. O mais famoso entre estes foi o caso da Alemanha, mas outros casos apresentam algumas similitudes. A memória coletiva é utilizada como um recurso simbólico para construir grupos internos com uma agenda por líderes políticos. Quando contém eventos que provocam emoções, estes podem ser utilizados para mobilizar a identidade e criar visões que podem servir como profecias autorrealizadoras. Por vezes, estas profecias são bem-sucedidas, e outras vezes falham. À medida que a história avança, ela cria histórias que se tornam imortalizadas por artistas e escritores, para assegurar que a história não se repete simplesmente, mas forma uma trajetória, um enredo que viaja de pessoa para pessoa para significar os sentidos que partilhamos como habitantes de uma era. Hitler é hoje recordado como o homem mais maléfico da história mundial, mas o papel dos EUA na Segunda Guerra Mundial já está a ser substituído pela memória coletiva do 11 de Setembro, sobre a qual estão a ser contadas histórias muito diferentes com implicações diversas .

BIO

A naturalized citizen of two countries, James H. Liu describes himself as a “Chinese-American-New Zealander”. Currently, he is co-Editor-in-Chief of the journal *Political Psychology*. Previously, he was President of the Asian Association of Social Psychology from 2015-2017 (see website at asiansocialpsych.org) after having previously served as AASP Secretary General and Treasurer. From 2008-2011, he was Editor-in-Chief of the *Asian Journal of Social Psychology* (he now serves as Senior Editor). Together with AASP President-Elect Allan Bernardo, he edited an annual Special Issue of the *Journal of Pacific Rim Studies* on the practice of social psychology for social change in Asia and the Pacific Rim from 2014-2018.

He is currently investigating global consciousness in culturally Chinese societies, as well as continuing research on the Digital Influence project, involving 40+ countries around the world, examining a wide range of social attitudes and behaviours, including mass media usages, trust in

different people and institutions, and prejudice and discrimination. As Head of School of Psychology at Massey University from 2015-2017, James has introduced Research, Service, and Teaching Clusters as a means for enhancing collaboration and applied & integrated RST practice among members of his School. He has a long-term vision of psychology as an applied research practice with strong community service and teaching roots.

James H. Liu has more than 200 refereed publications and have been cited more than 15,000 times, with edited volumes including New Zealand Identities: Departures and Destinations, Restorative Justice and Practices in New Zealand, and Progress in Asian Social Psychology, Volumes 2 and 6. He has an H-statistic of 65 according to Google Scholar. He is author of the book "Collective remembering and the making of political culture" (2022, Cambridge University Press).

CV: <https://www.massey.ac.nz/massey/expertise/profile.cfm?stref=294350>

O Improviso Teatral no Agrupamento de Escolas de São Bento, Vizela. Práticas em busca do presente

Fabiano Assis da Silva, Universidade do Minho

BIO

Professor, ator-músico, pesquisador e formador em teatro na comunidade educativa. Há três anos trabalha como artista residente no Agrupamento de Escolas de São Bento, Vizela. Doutorando em Estudos Culturais - ICS e ELACH na Universidade do Minho. Mestre em Comunicação, Arte e Cultura - ICS e membro do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da mesma instituição. Graduado em Educação Artística com especialização em teatro. Fundador, juntamente com Renata Flaiban, da Companhia Rodamoinho de teatro, há 22 anos em atuação. Apresentou-se em China, Itália, França, Portugal e Brasil. Professor e encenador do Grupo de Teatro São João Bosco nas montagens "O Encontro" e "A Escuta". Desenvolveu assessoria pedagógica em Arte na produção de material didático para a editora FTD-Brasil.